



isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO XIII • Nº 28 • 2011



Uma
inteligência
que brilhou
na colônia

páginas 4 e 5

editorial

2 Tomás Antônio Gonzaga assumiria a direção do país, caso a conspiração da Inconfidência tivesse êxito. Essa convicção se firmou com o tempo e parece perfeitamente razoável. Homem de grande inteligência e cultura, com experiência internacional, possuía familiaridade com o poder e larga experiência adquirida no exercício da Ouvidoria, quando era responsável pela manutenção da ordem jurídica em Vila Rica, centro de gravitação a atrair o grosso da população da Colônia. Um olhar sobre os inconfidentes será bastante para concluir; não havia ninguém em melhores condições para ocupar o cargo. Cláudio Manoel da Costa, culto, experiente, de moral inatacável, não contava mais com o vigor da idade, condição indispensável para se envolver com a aventura de construir uma nação. Inácio José de Alvarenga Peixoto, advogado competente, também ouvidor, não revelou suficiente equilíbrio na sua condição de fazendeiro rico, às voltas com muitos negócios e dívidas comprometedoras. José Álvares Maciel, capaz, inteligente, mineralogista formado em Coimbra, possuía o impedimento da extrema juventude. Militares como o coronel Francisco de Paula Alves e o alferes Joaquim José da Silva Xavier, apesar do grande talento e ardente idealismo revolucionário do segundo, não se apresentavam como personalidades que dispusessem de visão de conjunto, formação cultural verdadeira, liderança incontestada. Entre os religiosos, sobressaía-se pela erudição, contemporaneidade de informação e senso de equilíbrio o cônego Luís Vieira da Silva, proprietário da mais bem sortida biblioteca clandestina aqui formada, mas nada sugeria neles o perfil de um verdadeiro chefe de estado.

Gonzaga vinha redigindo a proposta de constituição e o conjunto de leis indispensáveis à estruturação do país independente. Em Portugal, ele havia participado de grupos secretos dedicados ao estudo do pensamento enciclopedista, que se opunha ao absolutismo e preconizava a organização do poder à base da livre manifestação popular. Era uma cabeça progressista, sintonizada com o tempo e as transformações por que passava o mundo. Os primeiros estudiosos da conspiração de Vila Rica foram de opinião que o autor das *Cartas Chilenas* sequer chegara a ser inconfidente. Apenas havia simpatizado com o movimento e aguardava os resultados, para decidir como se situaria dentro da nova ordem. Estavam todos influenciados pela argumentação que o acusado desenvolvera no processo da devassa, ao assumir sua própria defesa. Hoje, a opinião mais ou menos generalizada se encaminha noutro sentido. Há quase certeza de que ele tenha sido o líder intelectual da conspiração.

Capa:

CASA DO OUVIDOR
FOTO DE CLÁUDIA REGINA KLOCK

isto é inconfidência

ANO XIII • Nº 28 • 2011

ISSN 2177-0212

Presidente da República

Dilma Rousseff

Ministro da Cultura

Ana de Hollanda

Presidente do Instituto Brasileiro de Museus

José do Nascimento Júnior

Diretor do Museu da Inconfidência

Rui Mourão

Publicação do

MinC - IBRAM - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000

Ouro Preto • Minas Gerais • Brasil

Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233

inconfidencia@veloxmail.com.br

Tiragem:
1500 exemplares

Periodicidade:
trimestral

Projeto Gráfico
Laís Freire dos Reis

Editor
Rui Mourão



ibram
instituto brasileiro de museus

GOVERNO FEDERAL

Não é de hoje que apreciadores da sétima arte vêm ao auditório do Museu da Inconfidência em busca de filmes que fujam do apelo meramente comercial. A primeira tentativa de trabalhar com o cinema na instituição ocorreu nos anos 1981 e 1982, com a implantação do Cineclube Bené da Flauta. O projeto contava com cerca de cem sócios, que pagavam pequena mensalidade para participar das sessões semanais, muitas vezes contempladas com a presença de diretores que debatiam suas obras.

Tudo começou com o Festival de Inverno da UFMG promovido em Ouro Preto, que realizava projeções diárias. O professor Victor Godoy lembra que, quando o evento acabava, um grupo de cinéfilos ficava na saudade. Decidiram organizar encontros para assistir a filmes. Começaram a atividade na boate do Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM). "Todos sentados no chão".

Foi quando surgiu a oportunidade de ocupar o auditório do Museu, recém-instalado. Após o registro do Cineclube Bené da Flauta, o aluguel das películas passou a ser feito na Embrafilme, em Belo Hori-

Cinema no Inconfidência

zonte. O presidente, Flávio Andrade, hoje vereador, ia de ônibus até a capital para buscar os rolos de 16 mm, que seriam devolvidos no dia seguinte.

A prioridade, a exibição de longas nacionais e produções independentes. Com frequência, filmes estrangeiros eram cedidos pelas embaixadas. A preferência era por conteúdos que levavam o público a refletir e a pensar a sociedade. "Queríamos conversar sobre as questões de cultura, saúde e protestos. Conseguimos criar esse espaço e vivê-lo com muita intensidade", destaca Andrade.

Era costume a organização de mostras com temáticas específicas. Produções independentes ouropretanas, impressionismo alemão, realismo francês, neorealismo italiano e o dito 'cinema marginal'. "Houve uma semana de filmes de Glauber Rocha antes da morte dele", recorda o poeta e tipógrafo Guilherme Mansur. E acrescentou, graças à hospedagem oferecida a cineastas na Casa do Pilar, Anexo III do Museu, vários diretores puderam vir para discorrer sobre suas obras, a exemplo de Luiz Carlos Lacerda, o "Bigode".

O Projeto

Fundado em 7 de abril de 1981, o Bené da Flauta surgiu graças a convênio existente entre o SPHAN, a UFOP e a Prefeitura, que previa apoio a uma série de atividades. O Museu da Inconfidência entrou como parceiro, para ceder o auditório.

Em 1981, desaparecia a assessoria cultural da UFOP e o convênio terminou. Flávio Andrade, assumindo a Secretaria Municipal de Educação, criou condições para que o cineclube funcionasse por mais alguns meses. "Tivemos uma interrupção que deu uma chacoalhada boa, mas o cineclube tomou outro rumo, começou a minguar. As pessoas passaram a ter outras vontades. Não lembro nem como acabou", comenta Andrade.

Quem não era associado do Cineclube também podia participar das sessões, embora pagasse um pouco mais pelo ingresso. Para atrair o público, a divulgação era feita com informativos e cartazes mimeografados, afixados em pontos importantes da cidade.

Outra forma de promoção dos filmes era a pintura manual de cartazes, expostos em grandes painéis na Praça Tiradentes. "A produção deles se fazia no atelier de Ana Amélia Rangel, à Rua dos Paulistas", lembra Guilherme Mansur.

A comunicação era eficaz e trazia grande número de espectadores. "O cineclube abriu acesso à juventude, especialmente ouropretana, ansiosa por conhecer tudo", ressalta o atual prefeito de Ouro Preto, Angelo Oswaldo, associado ao projeto e, à época, secretário municipal de Cultura e Turismo.

Quem foi Bené da Flauta?

Bené da Flauta, figura popular em Ouro Preto, vivia na Praça Tiradentes e chamava a atenção pelo seu jeito alegre e atrevido. Entalhador, poeta, músico e andarilho, animava os festivais de inverno tocando uma flauta feita de bambu ou cana. "Ficava na praça cantando e conhecendo as pessoas. Morto, ficou como um ícone", conta Flávio Andrade. O cineclube que homenageou Bené foi criado dois anos após seu falecimento, em 1979. "Pessoa muito presente, todos imaginavam fazer um filme sobre ele", finaliza Victor Godoy.

Continuidade

Terminado o projeto, o Museu da Inconfidência prosseguiu com os trabalhos relacionados ao cinema. Em julho de 1985, por curto período, funcionou no auditório o Cineclube Viramundo, criado como Pré-Jornada Nacional de Cineclubes. No final da década de 80, a instituição passou a promover sessões periódicas de exibição de vídeos com temáticas de cunho social.

Um dos projetos, "Vídeo no Anexo", tinha parceria com a Divisão de Audiovisual e Tecnologia Educacional da UFOP e videoladoras de Ouro Preto, Mariana e Belo Horizonte. Foi uma idealização da equipe composta pela museóloga Yara Mattos, a historiadora Margareth Monteiro e pelo auxiliar institucional Geraldo Bonifácio de Freitas, o "Boni", que atuava fazendo as projeções do Bené da Flauta e até hoje é responsável por todas as atividades do gênero no auditório.

Boni conta que assuntos como alcoolismo, inclusão social, prevenção às drogas, aborto e saúde do homem foram abordados. "Fomos a primeira pessoa jurídica a falar de Aids em Ouro Preto. Ninguém tinha coragem". O servidor lembra que, no passado, chegou a levar os filmes para os bairros da cidade. Assistia aos vídeos antecipadamente e fazia comentários antes da projeção.

Certa vez, a exibição ocorreu em uma pracinha. "Muita gente sempre na rua, o que nos ajudava a aproximar da comunidade. Foi quando as pessoas começaram a vir até o museu", afirma. Atualmente, Boni projeta os filmes do Cineclube Museu da Inconfidência, patrocinado pela Caixa Econômica Federal, que oferece, no Anexo, duas sessões comentadas por mês.

Dois mil e dez foi o ano do bicentenário da morte de Tomás Antônio Gonzaga, inconfidente de destaque, cuja legenda só tende a crescer, à medida que passam os anos. Nascido em Portugal, na cidade do Porto, de pai brasileiro, aos sete anos foi trazido para o Brasil, onde até os dezessete fazia os estudos básicos, a princípio em Pernambuco, depois na Bahia. Sua formação jurídica se deu na famosa Universidade de Coimbra, que atraía os bem nascidos procedentes de todo o Império Português. Teve como colega de turma Inácio José de Alvarenga Peixoto, futuro companheiro de conspiração política em Vila Rica.

Paixão e Infortúnio

A história da Inconfidência Mineira perderia o contingente de charme romântico se não houvesse acontecido o caso amoroso entre o homem maduro, de quarenta e quatro anos, a maior autoridade jurídica da região das Minas, e a donzela de vinte e um, pertencente a rica família local. O drama vivido pelos namorados e noivos, que não chegaram a se casar, devido ao malogro do movimento político que contou com a participação do pretendente, compungiu os corações na época e continua até hoje chamando a atenção dos que se debruçam sobre os versos de *Marília de Dirceu*, livro de poemas onde aparece exposta a desdita de quem, por sonhar com a liberdade para um povo, viu recair sobre si a violência da prisão e do degredo para sempre na distante África, obrigado a consumir o resto de seus dias em meio a uma população ainda em condições praticamente tribais.

Essa saga de infortúnio seria eternizada na consciência dos brasileiros pelo talento de Gonzaga, um dos poetas máximos da língua portuguesa no século XVIII. Amigo íntimo de Cláudio Manoel da Costa, também poeta, escapou de ser discípulo do escritor mais experiente, com o qual deve ter intercambiado composições para leitura e aconselhamento. O Arcadismo, chegado para substituir o estilo barroco, era a grande novidade abrindo as portas para o futuro e a linha de simplicidade e despojamento, voltada para a verossimilhança, permeou os versos do criador que, pela própria condição de idade, mais naturalmente se expunha ao influxo dos novos tempos. *Marília de Dirceu*, publicado em Lisboa quando o autor já havia aportado na África, alcançaria sucessivas edições na época, angariando vasto público de leitores, só superado pelo de Luís de Camões, com *Os Lusíadas*.

Desavença

A história registra a confrontação que se estabeleceu entre o governador Luís da Cunha Meneses, o arquiteto e primeiro construtor a atuar na Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica, e o ouvidor Tomás Antônio Gonzaga. Ambos se dirigiam por carta à Rainha, verberando contra o adversário. Na palavra de Cunha Meneses, Gonzaga manobrava em benefício próprio no recebimento de contas processuais que deviam ser transferidas à Metrópole. Gonzaga informava sobre o caráter condenável de Cunha Meneses, autoridade prepotente e corrupta, que através de asseclas vivia extorquindo a população. Ele mandava espancar escravos e gente humilde, prendia pessoas sem processo formado. Desrespeitava a Justiça a ponto de retirar do patíbulo criminoso condenado pelos tribunais. Consta que essa discórdia

Uma inteligência que brilhou na colônia

tivera início quando o governador se apropriara de amante do ouvidor, a viúva Maria Joaquina Anselma de Figueiredo. Kenneth Maxwell, autor de *A Devassa da Devassa*, pretendeu confirmar as alegações feitas contra Gonzaga, ao se referir a 91 processos de cobrança de débitos com a Fazenda, cuja contabilidade terminou zerada, nada restando para ser enviado a Portugal. Além disso, levantou a suspeita de serem mantidas relações duvidosas com os contratadores para a obtenção de lucros pessoais. Contrariando tais alegações, o sequestro de bens levado a efeito pelo processo da Inconfidência veio revelar, o ouvidor não passava de homem relativamente pobre, que vivia limitado aos ganhos de seu ordenado.

No terreno da literatura, a desavença entre essas maiores autoridades da província iria dar origem a uma crônica versificada que, oferecendo o retrato de Vila Rica na época, permanecerá para sempre como obra de importância cultural indiscutível e fonte de consulta para historiadores. As *Cartas Chilenas* se referem a Vila Rica como se fosse Santiago do Chile e seu autor, Critilo, dirigindo-se a Doroteu, satiriza Fanfarrão Minésio, governador rodeado por uma corte desfrutável e de maus costumes. Durante anos, uma polêmica envolvendo inúmeros estudiosos levantou argumentos tentando descobrir o nome que se escondia por trás do pseudônimo que assinava as missivas versificadas, distribuídas em manuscrito. Hoje, estabeleceu-se consenso a respeito. A autoria de Gonzaga acabou sendo aceita de maneira definitiva, sem contestação.

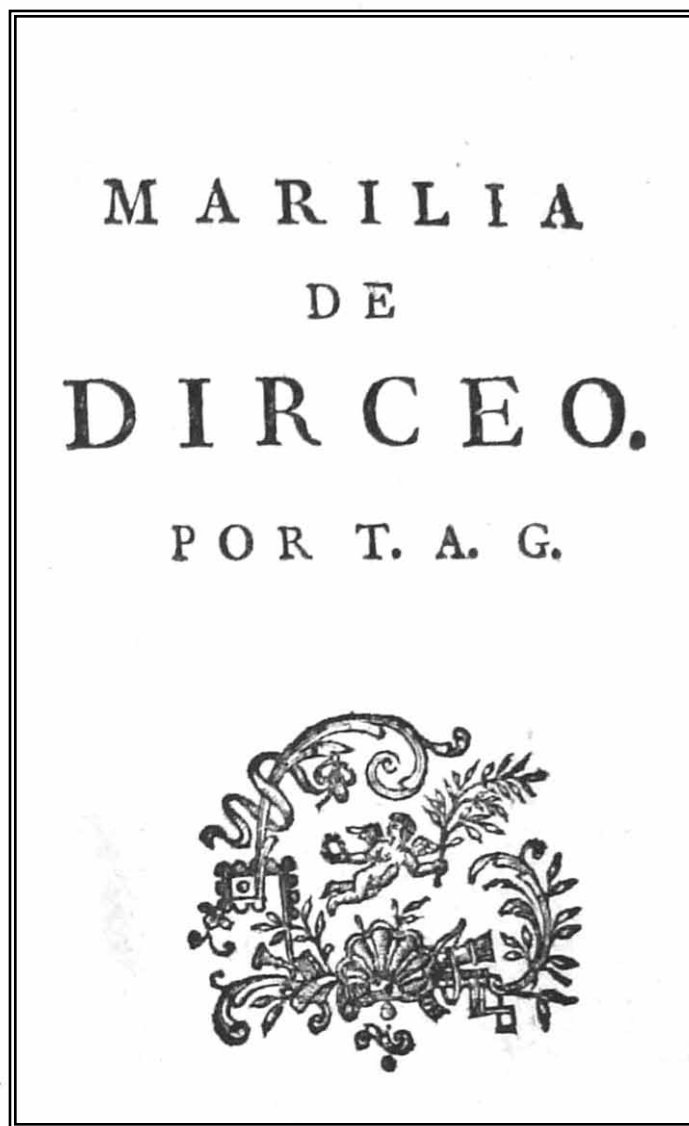
Homenagem ao Jurista

A Associação Mineira de Magistrados – AMAGIS, juntando-se ao Inconfidência nas homenagens prestadas a Tomás Antônio Gonzaga no transcurso dos duzentos anos de sua morte, instalou placa no pátio interno do Museu, com o objetivo de ressaltar a figura daquele que teria sido o mais ilustre antepassado da classe que a entidade representa. Segundo o juiz Marcos Henrique Caldeira Brant, que esteve à frente da iniciativa, buscava-se era chamar a atenção para o jurista, injustamente obscurecido diante do poeta e do inconfidente. O que se fez, como se pode perceber, foi um esforço para tentar popularizar o advogado, levando o seu nome a camadas mais amplas da população, tarefa que envolve dificuldade. O saber e a ação dos homens do Direito, fundamentais para a vida em sociedade, não possuem a visibilidade pública da literatura e da política. Intelectuais especializados e historiadores

têm sabido ressaltar a contribuição de Gonzaga enquanto magistrado, função exercida ao longo de toda a existência. Pouco depois de formado, ocupou o cargo de juiz de fora na cidade de Beja, em Portugal. Elevado a ouvidor de Vila Rica, onde desenvolveria trabalho dos mais notáveis, chegou a ser nomeado desembargador da Relação da Bahia, só não tomando posse em razão do envolvimento na Inconfidência. Ao aportar na África, na condição de condenado, seu saber jurídico iria prevalecer mesmo contra proibição estabelecida pela Metrópole, que não permitia fossem aproveitados, na administração das colônias, réus processados por crime contra a Coroa. Logo seria procurado pelas autoridades de Moçambique que, devido ao atraso cultural do lugar, não poderiam dispensar a colaboração de um profissional de vastíssima experiência, consagrado na sua atuação tanto em Portugal quanto no Brasil. Deve ter havido, claro, entendimento a respeito com as autoridades do Reino.

O certo é que foi nomeado juiz de defuntos e ausentes, primeiro degrau de uma carreira que teve continuidade ascensional até sua morte, em 1810. Aspectos salientados pelos estudiosos são a perícia na argumentação, o controle emocional e a ética de não comprometer nenhum dos companheiros, virtudes demonstradas quando, dentro do processo da Devassa, encarregou-se da sua própria defesa, ao lado

de José de Oliveira Fagundes, advogado dativo, nomeado pelo Tribunal da Alçada. Ao tempo da sua passagem por Beja, pensando em seguir carreira universitária, Gonzaga escreveu o *Tratado de Direito Natural*, que apresentou à Universidade de Coimbra. Pouca notícia se tem sobre o resultado logrado pelo trabalho. Já se aventou a possibilidade de não ter sido aceito, uma vez que, na época, havia a exigência de as teses acadêmicas serem escritas em latim.



Se o advento da República brasileira se deu sem derramamento de sangue, os primeiros tempos do novo regime foram marcados por graves conflitos. A situação recrudesciu no governo de Floriano Peixoto, culminando com a Revolta da Armada, deflagrada a 6/11/1893, sob a liderança de Custódio José de Melo. Ameaçado de deposição, o marechal-presidente agiu com pulso firme, determinando numerosas prisões e estado de sítio. Os navios dos revoltosos bombardearam a cidade do Rio de Janeiro, o que provocou a fuga de grande parte da população e o exílio voluntário de oposicionistas, sobretudo os intelectuais. Os poetas Guimarães Passos e Luiz Murat refugiaram-se na Argentina; Pardal Malet e José do Patrocínio, no interior fluminense; Carlos de Laet, Olavo Bilac, Valentim Magalhães e Magalhães de Azeredo, em Minas Gerais, único território não atingido pelo estado de sítio.

Foi em Ouro Preto que Bilac passou a maior parte do seu desterro. Após se envolver em rumoroso incidente com hóspede do Hotel Martinelli, teve que fugir para Juiz de Fora, onde conviveu por algum tempo com o jovem jornalista Magalhães de Azeredo. Data dessa época o romance “*Sanatorium*”, escrito por ambos e publicado em folhetim na Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, sob o pseudônimo de Jaime de Athaide.

De poucos méritos literários – até porque seus autores foram predominantemente poetas e cronistas –, a obra vale pelo significado histórico, o que levou o acadêmico R. Magalhães Júnior a resgatá-la para publicação do Clube do Livro em 1977. O pano de fundo dos acontecimentos reproduz a paisagem da localidade interiorana mineira de São Bernardo e, no cenário principal, movimentam-se os hóspedes do Hotel Oriente, “neste assombroso verão de mil oitocentos e noventa e três, cheio de bombardeios, de incêndios, de hecatombe, de batalhas, de escândalos, dos diabos”.

Apesar de disfarçado pela incorporação de características de cidade-sanatório destinada à cura de neuroses e de outras doenças, o “burgo pacato”, conservador de “velhos hábitos” e “aspirações de liberdade indômita”, foi decalcado dos aspectos urbanos inconfundíveis de Ouro Preto, “encerrado entre montanhas brutas, como um círculo de muralhas inexpugnáveis”, de topografia marcada por “ruas tortuosas”, “ladeiras íngremes”, “pontes antigas” e “muitas igrejas”.

O Hotel Oriente foi inspirado no Hotel Martinelli, na época o mais importante da cidade e regurgitando de pessoas naqueles dias. Como deve ter ocorrido na realidade, em seu ambiente heterogêneo convivem antiflorianistas, monarquistas, florianistas fugitivos dos bombardeios, doentes em busca de cura. Ecoam pelo seu recinto comentários políticos, discussões inflamadas, rumores de namoros proibidos, boataria de serviços. Jogos de roleta, piqueniques e sessões de teatro são os divertimentos dos hóspedes que o acaso reuniu na capital mineira de então. Completam a diversidade de personagens os artistas de companhia de ópera-bufa e, mal ocultados pelos pseudônimos de Manhães de Azeredo e Olívio Bivar, os autores do romance. Correspondendo à figura verdadeira do poeta, Bivar é descrito como “feíssimo, vesgo, muito míope”. Uma das hóspedes achou-o semelhante a um cavalo marinho.

O *Almanack do Município de Ouro Preto*, publicado em 1890, registra a existência do Hotel Martinelli à Rua do Paraná, sem indicação do número do prédio. Em qual dos edifícios ficaria o estabelecimento hoteleiro que representou papel singular no agitado período do governo de Floriano Peixoto? Seria onde hoje está instalada a República Aquarius, ou no prédio que faz esquina com a Rua José Leandro? Com certeza estaria em qualquer outro casarão daquela via de curta extensão.

O *Almanack do Município de Ouro Preto*, publicado em 1890, registra a existência do Hotel Martinelli à Rua do Paraná, sem indicação do número do prédio. Em qual dos edifícios ficaria o estabelecimento hoteleiro que representou papel singular no agitado período do governo de Floriano Peixoto? Seria onde hoje está instalada a República Aquarius, ou no prédio que faz esquina com a Rua José Leandro? Com certeza estaria em qualquer outro casarão daquela via de curta extensão.

RUI RIBEIRO

AGENDA

Sala Manoel da Costa Athaide, Anexo I

Ritual da Imagem: Arte Asurini do Xingu

Exposição de curta duração

Visitação: terça-feira a domingo, das 12h às 18, até 20 de março

Promovida em parceria com o Museu do Índio (FUNAI/RJ), a mostra revela a cultura indígena dos cerca de 150 membros que restam dos Asurini. Por meio do grafismo, o grupo expressa sua arte em cerâmica e pintura corporal.

Cineclube Museu da Inconfidência

Auditório, Anexo I

Acesse <http://cineclubemuseu.wordpress.com> e confira informações sobre o cineclube, patrocinado pela Caixa Econômica Federal.

Fevereiro/2011 – Um olhar feminino: a mulher atrás das câmeras e o acaso do universo

Dia 11/02 – Sexta-feira – 19h

Eu, você e todos nós

(*Me and you and everyone we know*. 2005. 90min. Direção: Miranda July. Classificação: 16 anos.)

Dia 18/02 – Sexta-feira – 19h

Estranhas ligações

(*Carnage*. 2002. 127min. Drama. Direção: Delphine Gleize. Classificação: 16 anos)

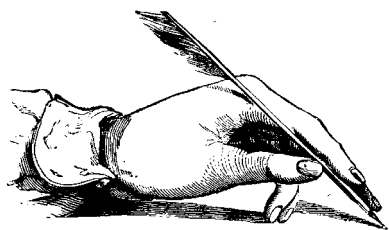
Março/2011 – O Decálogo, a obra prima de Krzysztof Kieślowski

Neste mês, o espectador elege os filmes que deseja assistir. Poderão ser selecionados quatro dos 10 curtas da série “O Decálogo”. (*The decalogue*. 1989. Polônia. Duração média: 50 minutos cada. Drama. Direção: Krzysztof Kieślowski. Classificação: 14 anos).

Dia 18/03 – Primeira sessão – 19h

Dia 25/03 – Segunda sessão – 19h

Sinopse: Obra monumental, composta de 10 curtas, “O decálogo” é o maior panorama da alma humana já criado para o cinema. Comparado a Balzac ou Kafka, o diretor Kieślowski criou sua maior obra-prima, ao acompanhar a vida de vários personagens que se cruzam em um condomínio em Varsóvia. Cada filme tem 50 minutos e se baseia em um dos 10 mandamentos do velho testamento.



Agradecemos os Anais do I Seminário de Música do Museu da Inconfidência. A obra será incluída em nosso acervo.

JÉSSICA BARRETO
COORDENADORA DA DISCOTECA ONEYDA ALVARENGA, CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

Agradeço os Anais do I Seminário de Música do Museu da Inconfidência.

MARIA EFIGÊNIA LAGE DE RESENDE
SUPERINTENDENTE DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO

O Centro de Pesquisa e Documentação da Escola de Música Villa-Lobos agradece os Anais do I Seminário de Música do Museu da Inconfidência.

ROSA MARIA PEREIRA
COORDENADORA DO CPD DA ESCOLA DE MÚSICA VILLA-LOBOS

Recebemos os Anais do I Seminário de Música. Serão incluídos no acervo da nossa Biblioteca e será de grande valor para pesquisas. Agradecemos a generosa doação.

TAMIKO SHIMIZU
BIBLIOTECÁRIA DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO MUSICAL DA FUNDAÇÃO ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Parabéns pela exposição Ritual da Imagem – Arte Asurini do Xingu. Na oportunidade, parabenizo pela realização do evento. Com distinta consideração e apreço, subscrevo-me.

PROFESSOR FABRÍCIO FERNANDINO
DIRETOR DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG

Obrigado pelo convite para a solenidade de homenagem ao magistrado, poeta e inconfidente Tomás Antônio Gonzaga, no ano do bicentenário de sua morte.

EUGÊNIO FERRAZ
SUPERINTENDENTE DO MINISTÉRIO DA FAZENDA EM MINAS GERAIS

Com grande satisfação, recebi os exemplares da Oficina do Inconfidência, em nome da Ceib. A coleção completa estará disponível para os associados do Ceib e os alunos de graduação em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes da UFMG.

BEATRIZ COELHO
PRESIDENTE DO CENTRO DE ESTUDOS DA IMAGINÁRIA BRASILEIRA – CEIB

Venho agradecer o envio da Oficina do Inconfidência, e cumprimento pela qualidade da publicação.

LETÍCIA MALARD
PROFESSORA EMÉRITA DA UFMG

Recebemos e agradecemos o número da Oficina do Inconfidência: revista de trabalho.

CELIA DA COSTA
CHEFE DA HEMEROTECA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (RI)

Agradeço a revista Oficina do Inconfidência e o boletim Isto É Inconfidência, ambos com ótimo conteúdo.

ALBERLANDINO ARLINDO GUMARAES E SILVA

Agradeço o Isto É Inconfidência, número 27, cumprimentando o diretor e equipe pela publicação, pela excelência do trabalho realizado.

CONSELHEIRO WANDERLEY ÁVILA
PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Adorei a Oficina do Inconfidência. Tudo lindo; fundo e feitura perfeitos. Tudo sério e verdadeiro. Contribuição à História, inclusive. Há que ler a revista com o respeito que Minas é, sempre romanceira. Fascinante.

STELLA LEONARDOS
POETA, PERTENCE À ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS

Agradecemos o boletim informativo. A publicação será de suma importância para o acervo cultural de Brasília, em benefício de nosso público.

ANIBAL PEREA
BIBLIOTECA NACIONAL DE BRASÍLIA

Agradeço o restauro do retrato do Vicente Racioppi. Ele será afixado no Arquivo Público Municipal. O trabalho ficou excelente.

ANGELO OSWALDO DE ARAÚJO SANTOS
PREFEITO DE OURO PRETO

Agradeço o envio da Oficina do Inconfidência: revista de trabalho, que será encaminhado ao Centro de Estudos e Documentação da Museologia, localizado na sede do Ibram, em Brasília.

ROSE MOREIRA DE MIRANDA
COORDENADORA GERAL DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO MUSEAL

Celina, que prazer imenso você ter se lembrado de mim. Ter participado do projeto do SCAM Web foi muito importante para minha carreira e até hoje faço questão de mencionar a experiência no meu currículo profissional. Morando no exterior, fiquei satisfeito de saber, o que ajudei a criar continua evoluindo.

MATHEUSTUPY NOVAIS
CIENTISTA DA COMPUTAÇÃO ENVOLVIDO NA CONSTRUÇÃO DE COMPLEXO INDUSTRIAL DA VALE, EM OMÃ

Parabéns ao Museu e Celina Barboza e equipe, incansáveis na busca de informatização e comunicação museológica condizente com a atualidade das novas linguagens ciber.

ELIZABETH SALGADO DE SOUZA
PROFESSORA DA UNIVERSIDADE SANTA CRUZ, ILHÉUS/BA

Cara Celina, muchas felicidades por la apuesta en la web del SCAM. Un trabajo de al menos dos décadas, que muestra tu constancia y el esfuerzo que has hecho por lograr que se pueda contar con esta importante herramienta para el estudio del acervo museológico.

ROBERTO CORELLA FUENTES
ESPECIALISTA EM CIÊNCIAS POLÍTICAS, EX-DIRETOR DO MUSEU NACIONAL DA COSTA RICA

Parabéns pela eficácia do trabalho do museu. Grato pela atenção e pela oportunidade que me proporciona – de proveitosas leituras, artigos literários de interesse histórico de tamanha valia.

WOLMAR OLYMPIO NOGUEIRA BORGES
ADVOGADO, MEMBRO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MINAS GERAIS

As publicações Oficina do Inconfidência e Associações Religiosas no Ciclo do Ouro, de Fritz Teixeira de Salles, deram entrada na biblioteca, ora em implantação, no Museu de Artes e Ofícios. Agradecemos e desejamos manter o intercâmbio.

CÉLIA MARIA CORSINO
MUSEÓLOGA E COORDENADORA DE MUSEOLOGIA DO MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS, BELO HORIZONTE

Conhecendo Museus

Conhecendo Museus, série de DVDs produzida em convênio do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM com a Fundação José de Paiva Netto, focaliza os principais museus do país. O objetivo é divulgar bens e valores culturais da humanidade, democratizando o conhecimento gerado pelas instituições, além de entreter e fomentar o surgimento de novos públicos. Em sua primeira edição, a coleção, de perfil didático, serviu como material de apoio nas salas de aula das escolas do Programa Mais Educação. Foram apresentados os acervos de 15 instituições em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, incluído o Museu da Inconfidência. Serão produzidos 52 documentários da mesma natureza.

Homenagens a Gonzaga

Inúmeras as homenagens prestadas a Tomás Antônio Gonzaga no ano do bicentenário de sua morte. No dia 10 de novembro, no Fórum das Letras, a lápide de Gonzaga, no Panteão dos Inconfidentes, recebeu flores do poeta Ferreira Gullar. Já no dia da Proclamação da República, a Ordem dos Cavaleiros da Inconfidência Mineira esteve no Panteão para lembrar os feitos dos conjurados. A ocasião foi marcada pela oração dos presentes e fala de autoridades, bem como a disposição de um arranjo de flores na placa central com o nome dos envolvidos no movimento.

Pintura

A AkzoNobel, empresa inglesa das Tintas Coral no Brasil, esteve em Ouro Preto em outubro realizando o projeto “Tudo de Cor para Você”,

que pintou as casas da Ladeira da Santa Ifigênia. Na ocasião, firmou um acordo com o Museu da Inconfidência. Para utilizar o auditório, doou tintas para a pintura do Anexo I e fachada do Anexo II.

Mágica e Joias

Aprendizado foi a palavra-chave do fim de ano no Museu da Inconfidência, que promoveu, de 14 a 17 de dezembro, oficinas de joias artesanais e mágica. O ourives e restaurador Abílio Felipe Ferreira mostrou aos participantes todo o processo básico de confecção de anéis, cordões, pulseiras e outros adornos antigos, além de orientá-los na fabricação de suas próprias joias. Já “Mister R”, como Rodrigo José Macedo Gomes é conhecido, encantou crianças e adultos com sua oficina de mágicas “close-up”, produzidas a partir de objetos do cotidiano. Os truques foram revelados, mas outros aspectos do ofício também foram abordados, como questões éticas, postura e dicas de interação com o público. As atividades foram encerradas com intervenções de mágica no circuito de visitação do Museu.

Ibram

O Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/MinC) comemorou, no dia 20 de janeiro, dois anos de existência. A data foi marcada por encontro na sede, em Brasília, com a presença da nova ministra da Cultura, Ana de Hollanda, que reconheceu a liderança do presidente do Ibram, José do Nascimento Júnior, anunciando a permanência dele no cargo. Ana também adiantou algumas ações que serão prioritárias durante a sua gestão. “Vamos regulamentar o Estatuto dos Museus e levar para a prática o

Plano Nacional Setorial de Museus”, afirmou. Entre os principais desafios do Instituto está a descentralização das unidades museológicas no país. Embora a número de instituições esteja em expansão, cerca de 80% dos municípios brasileiros ainda não têm unidades. Também é necessário estimular a visitação e qualificar os museus nacionais para o turismo.

Casa do Pilar

A Casa do Pilar, anexo III do Museu da Inconfidência, passa por reforma. O objetivo é retirar do andar superior os sanitários e refeitório que, por estarem acima do setor de documentação e da biblioteca, representavam ameaça ao patrimônio. Parte do almoxarifado será transferida do primeiro piso para o novo espaço. Com a demolição de paredes, a divisão administrativa se tornará mais ampla e confortável. As modificações fazem parte da última etapa da reformulação do museu.

Chá com causos

O livro *Glaura: chá com causos*, produzido pela área pedagógica do Museu da Inconfidência, foi publicado e em breve estará a venda na loja da instituição. A equipe formada por Ana Maria Laia, Lorene Dutra Moreira e Ferreira, Maria Aparecida Ferreira de Souza e Viviane Michelline Veloso Danese, com apoio da pesquisadora Adriana Gomes Venâncio, realizou atividade no distrito de Glaura, que resultou na publicação. A obra se compõe de fotografias e ilustrações, além de textos sobre as peculiaridades da culinária, festas populares, lendas, artesanatos, “causos”, medicina popular e crenças da região. O lançamento ocorrerá após o início do ano letivo na comunidade de Glaura.